

CULTURA

ARTE E UNIVERSIDADE

Universidade, madrinha da cultura conimbricense

A Universidade de Coimbra (UC), sendo uma referência que tantas vezes se confunde com a própria cidade, é responsável não só pelo estudo das várias artes como também se torna um dos elementos mais dinâmicos da própria atividade artística e cultural de Coimbra. *Por Daniel Alves da Silva*

A ligação entre a arte e a universidade “tem vindo a crescer ao longo dos últimos anos”. Quem o diz é o diretor do Teatro Académico de Gil Vicente, Fernando Matos Oliveira, ressaltando que as artes têm hoje “presenças muito diferenciadas nas universidades”. “Começou por ser uma relação com os textos escritos”, explica o diretor, referindo-se à literatura e à poesia. Hoje é já uma “relação plena”, que inclui todas as práticas artísticas, como os estudos performativos, num trajeto de aceitação e legitimação destas práticas artísticas que se iniciou entre a I Guerra Mundial e o fim do século XX.

Mas hoje, a universidade não se limita apenas ao estudo e reflexão sobre as artes. “A Universidade não é um mero lugar onde se pode estudar arte ou onde a arte pode estar”, refere o diretor do Colégio das Artes e também artista, António Olaio. Torna-se necessário reconhecer a importância no “sentido interpelador” e de “estímulo a outros horizontes de conhecimento”, já que quando os artistas fazem arte, estão também a exercer a “capacidade da sua mente poder ser usada com novos horizontes”, justifica o diretor do Colégio das Artes. A presença de cada vez mais artistas a lecionar e/ou investigar e a abertura de cursos no âmbito das artes performativas, “não estritamente nas faculdades de Belas-Artes”, veio aproximar as instituições de ensino das práticas artísticas, acrescenta Matos Oliveira, assumindo que a “relação entre a arte e a Universidade é muito longa mas que tem vindo a crescer e a intensificar-se ao longo dos séculos”.

“Efeito de rede”

Para além do ensino, dimensão fundamental da Universidade, esta assume-se também como produtora de eventos culturais. Existem duas

dimensões nesse papel, segundo a vice-reitora da UC para a Cultura e Comunicação, Clara Almeida Santos. “A primeira é enquanto entidade de acolhimento e co-organizadora” da atividade cultural. Por outro lado, é “promotora”, tendo tido um papel “dinamizador” dos agentes culturais locais.

A UC é, portanto, “um agente cultural indispensável”, frisa a vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, Maria José Azevedo. “Pela sua dimensão, é obrigatoriamente um grande agente cultural da cidade”, reitera ainda. O diretor do TAGV assume não conhecer cidades com a mesma dimensão em Portugal e no estrangeiro que apresentem uma diversidade cultural como Coimbra. “A escala da universidade também permite que alguns institutos e centros de investigação, associações complementem” a programação existente, constata Matos Oliveira. O Centro de Documentação 25 de Abril, o Centro de Estudos Sociais e o Jardim Botânico, são alguns dos elementos ligados à UC que também apresentam atividades, e alguns deles “querem ser um parceiro também na programação cultural”, do TAGV. “Há um efeito de rede que se tem tornado mais dialogante em Coimbra”, que também se alastra a outras entidades não universitárias que operam na atividade artística e cultural da cidade.

O impacto da UC

Referindo-se a parcerias estabelecidas com outras entidades, Clara Almeida Santos refere que são os próprios grupos que muitas vezes propõem. “Não pode estar cada um para seu lado a trabalhar”, uma norma que pauta o panorama cultural conimbricense. “E não sendo algumas vezes possível o apoio financeiro, há outras modalidades; o



Para além do ensino a Universidade de Coimbra assume-se também como produtora de eventos culturais

“género de coisas que não passam por dinheiro diretamente, mas por uma colaboração”, logística ou de divulgação: como o piano que se encontra no Salão Brazil, cedido a esse espaço num exemplo das várias parcerias que a UC apresenta.

Dado o seu peso histórico houve, durante um tempo, “alguma resistência a essa carga fortíssima da universidade”, explica António Olaio, “como se fosse uma espécie de mal que cegava outras visões da cidade”. O diretor do Colégio das Artes acredita que já se passou essa fase, conseguindo-se “ler a cidade plural, com todas as relações”, entre

as quais aquela que estabelece com a universidade.

“Respira-se o ar da própria cidade”

Para Olaio, qualquer faculdade, departamento ou unidade orgânica “tem que ter a consciência da sua dimensão urbana, não vive independente do lugar onde está”. E menciona o próprio Colégio das Artes, que apesar de não pensar em termos locais, só obtém “uma dimensão interessante e só passa a fronteira da cidade se tiver uma relação com ela própria”.

Numa cidade tão umbilicalmente

ligada à sua universidade, torna-se difícil vislumbrar cenários sem a presença dessa mesma instituição. Ainda assim, o diretor do Colégio das Artes não imagina que a vida cultural fosse inexistente: “de certeza que outras formas de expressão encontrariam o seu caminho”. Mas nesta realidade, em que a “universidade ocupa muito desse espaço”, não pode ser visto como uma “fatalidade ou como um domínio excessivo”, remata. “Não é uma questão de hegemonia nem de luta por protagonismos”, indica Matos Oliveira. “É uma consequência da presença da UC” na cidade, conclui.

COLÉGIO DAS ARTES REFLETE LIGAÇÃO ENTRE “ARTE E UNIVERSIDADE”

O Colégio das Artes é no dia 30 de maio lugar do encontro “Arte e Universidade”, com várias conferências e mesas redondas sobre as relações existentes entre estes dois conceitos. James Elkins (crítico e historiador de arte e professor na School of Art do Art Institute of Chicago), Agaldo Farias (professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de S. Paulo, crítico de arte e curador do museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro entre 1998 e 2000 e diretor do museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo entre 1990 e 1993) e Filomena Molder (escritora, filósofa e professora na Universidade Nova de Lisboa) são os oradores convidados que irão discursar antes do início de cada mesa.

As conferências e as mesas de debate, constituídas por diversos artistas, críticos, curadores e professores dividem-se em três linhas. O diretor do Colégio das Artes, António Olaio, explica os vários painéis: “Investigar Arte” é “ter a arte como objectivo”, “Arte e Investigação” é “o paralelo entre outras investigações e a prática artística” e “Arte como Investigação” é “apontando a arte como investigação independentemente de ter enquadramento académico ou não” já que, acrescenta, o “próprio processo artístico é uma investigação” por si.

O diretor do Colégio das Artes conclui referindo que o desejo foi de “tentar criar condições para que a discussão seja rica”, e que seja “eventualmente contraditória, com perplexidades e que não esteja a antecipar conclusões”, remata.

O evento tem o preço de 10 euros para estudantes e 25 para o público em geral.